

EDUCAÇÃO, GÊNERO E MEMÓRIA: UMA ABORDAGEM BIOGRÁFICA

Graciela Nieves Pellegrino Fernandez; Suely Aldir Messeder

UFBA/UNEB grapell@hotmail.com
UFBA/UNEB suelymesseder@gmail.com.br

RESUMO

Este resumo busca a construção de uma política de reconhecimento às mulheres cientistas baianas, ou àquelas que trabalham na Bahia, que atuam ou atuaram nas grandes áreas do conhecimento, ensejando uma ruptura do androcentrismo sobre a produção científica. Dentre elas, elegi aprofundar os estudos sobre a Prof^a Terezinha Fróes Burnham, objeto central deste resumo, com sua trajetória de vida, papéis e funções desempenhados por ela, circulando entre o público e o privado. Serão utilizadas a entrevista e metodologias específicas para elaboração de biografias e o blog mulheres cientistas na/da Bahia. Souza (2006) fundamentará parte da pesquisa enfatizando que o conhecimento do outro não está desvinculado do conhecimento de si, deixando de ser uma história de vida singular, ampliando-se para uma história de vida social, tal a expansão de suas ações nas diversas áreas.

Palavras-chave: memória, análise cognitiva, mulheres cientistas, corpo.

INTRODUÇÃO

Pensando em identificar mulheres baianas ou aquelas que trabalham na Bahia que atuam ou atuaram nas grandes áreas do conhecimento, e provocar uma ruptura do androcentrismo na Bahia, o Grupo Enlace, sob a coordenação da professora Suely Messeder, inicia em 2010 uma pesquisa com o título: Mapeamento das Mulheres Cientistas do Estado da Bahia. A metodologia aplicada consistiu em pesquisas na internet, considerando os órgãos e as fundações de pesquisa do governo do estado da Bahia e do governo federal. Além das visitas exploratórias aos núcleos de pesquisa das universidades baianas e entrevistas com professores/as pesquisadores/as, coordenadores/as de colegiado e diretores/as de departamento da UNEB. O resultado parcial desta pesquisa detectou um total de 715 professoras pesquisadoras trabalhando nas instituições públicas de nível superior da Bahia. Também foi construído o Blog Mulheres Cientistas na/da Bahia para possibilitar que as pessoas conheçam alguns grandes nomes que, efetivamente, fizeram a diferença em nossa sociedade. Dentre esses nomes estão Alda Mota, Amélia Rodrigues, Ana Alice Costa, Ana Célia da Silva, Ana Ribeiro, Anfrísia Santiago, Cecília Sardenberg, Dinaelza Soares Santana Coqueiro, Dinalva Oliveira Teixeira, Edith Mendes da Gama e Abreu, Efigênia Veiga, Francisca Praguér

Fróes, Glafira Ramos, Henriqueta Martins Catharino, Ialorixá Mãe Stella de Oxossi, Leolina Costa, Leolinda de Figueiredo Daltro, Linda Rubim, Ligia Bellini, Maria José de Castro Rabelo Mendes, Maria Luisa Bittencourt, Marieta Alves, Mary Castro, Niomar Muniz Sodré, Violante Atalipa Ximenes Bivar e Velasco. Dentre todas elegi Terezinha Fróes Burnham considerando sua importância para o DMMDC (Doutorado Multi -institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) e seu percurso acadêmico, fui motivada a escrever sobre ela e suas produções, sobre suas produções e ela, pois tornam-se um único corpo, tal amalgamento simbiótico alimentando a ambos. Faço interlocução com suas vivências pessoais e momentos políticos relevantes que serviram de cenário para a educação no Brasil.

Algumas pessoas por si só se apresentam, considerando sua trajetória de vida e aspectos relacionados à sua produção científica, que por sua vez está intrinsecamente ligada aos seus interesses e à construção de uma vida cujo foco maior se desloca de si para amplamente difundir um conceito básico de democratização do conhecimento. Com esse preâmbulo resgato na memória o momento em que fui apresentada a Teresinha Fróes, na disciplina Análise Cognitiva I. Aos poucos ficamos sabendo um pouco daquela pequena grande mulher dentro da sua simplicidade e humanidade, permitindo que seus alunos pudessem sentir-se próximos, quando chamada de senhora: “senhora está no céu”!

Não podemos desconsiderar depois do exercício de ouvidos atentos, da escuta sensível, o quanto sua vida foi permeada por experiências múltiplas e ricas, e aquilo que chamamos de sorte, coincidência, acaso, vai se fortalecendo e encontramos uma vida em rede, interligada. Não há experiências díspares, mas um caminhar, nem sempre em terreno tão confortável, mas um caminhar que fazia interlocuções de busca. Não sei se ela escolheu ou se foi escolhida por esses passos. Saberei mais adiante, porque é uma pessoa de muitos causos e lembranças.

A trajetória (in) formativa desta pesquisadora começa com a graduação em História Natural (atual Ciências Biológicas) na Universidade Católica do Salvador (1968), continua com o mestrado em Educação, na Universidade Federal da Bahia (1976), o doutorado em Filosofia na University of Southampton, Inglaterra (1982) e o pós-doutorado em Sociologia e Política do Currículo, na University of London (1997). Viveu experiências profissionais como professora de Ciências da escola fundamental e de Biologia na escola média, na rede pública da Bahia (1968-1972) e como professora-produtora para cursos à distância no Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia / IRDEB. Professora-associada Nível IV, da Universidade Federal da Bahia, fundadora, primeira

coordenadora e docente-pesquisadora do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento DMMDC, da Rede Interativa de Pesquisa e Pós-graduação em Conhecimento e Sociedade – RICS, rede de pesquisadores das sete Instituições de Ensino Superior / IES, que compõem o DMMDC fundadora e ex-coordenadora da Câmara Interdisciplinar da FAPESB, além de consultora da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, tendo participado da fundação e atuado na Comissão de Avaliação da Área Interdisciplinar. Desenvolveu pesquisas nas áreas de Análise Cognitiva, Ciência da Informação e Educação, com ênfase na relação conhecimento e sociedade, principalmente nos seguintes temas: tra(ns)dução do conhecimento, currículo, trabalho, espaços de aprendizagem, construção, gestão e difusão do conhecimento. (<http://ripe.ufba.br/memoria-da-educacao-na-bahia/teresinha-froes>)

DO NASCIMENTO

Necessariamente a vida de alguém não tem começo meio e fim, não exatamente nesta ordem. Começo sim, esta é a ordem natural das coisas, a gênese de todo movimento desejoso de fazer parte da dinâmica que é viver. Terezinha nasceu Froes, em Salvador, capital da Bahia, em um sobradinho que fica na esquina da rua Paulo Autran com a Avenida Sete de Setembro, em frente, ou como dizem os baianos, bem defronte à Igreja do Rosário, no ano de 1947, em um mês, dezembro, que indicou seu signo: capricórnio. Edite e Antônio criaram o esboço desse projeto de existir. Alguém, uma pessoa no mundo, do mundo. Sequer sonharam aonde chegaria sua criação

A INFÂNCIA

Perto de Conceição do Jacuípe, uma cidade do interior da Bahia, na fazenda do avô, Terezinha passou parte de sua infância, o que chama de “minha grande escola de vida”. Sua ligação com a natureza faria com que anos depois elege-se a biologia para sua graduação. Cresceu cercada por uma grande família, uma família estendida com avós, tios, mãe, irmão e primos de variadas idades, alguns até 10 anos mais velhos que ela onde tudo era muito socializado sem senso de propriedade, tudo pertencia à família. Em algum momento nesse período tentou ter algo só para si, no que foi atendida, como forma de fazê-la compreender que algo não era só dela. Era junho, festa de São João, uma tia estava fazendo um bolo, em uma forma enorme em formato de carneiro. Para cobrir esse bolo ela fez uma grande quantidade de glacê e o que sobrou foi desejado por todas as crianças, mas ela logo disse: o glacê é todo meu! A tia concordou, sim, o glacê é todo seu! Bem que ela

tentou comer todo o glacê, ainda foi ajudada por uns copos de água, mas a missão se tornou impossível. Aprendeu que nunca mais deveria dizer que algo era todo dela.

A fazenda não era uma propriedade muito grande e seu avô, descendente de índios, era agricultor de fumo e café. Todos trabalhavam e era como se fosse uma grande brincadeira para todos pois as atividades do dia a dia eram feitas em conjunto e nenhuma ajuda era rejeitada. Todo viviam em torno da lavoura embora frequentassem a escola. O tempo não era linear. Filha de professora, vivia em uma casa cercada de professoras e em contato com diversas linguagens culturais possibilitando o que no futuro sedimentaria uma experiência de viver sensível e voltada para a atenção ao outro.

DAS PRIMEIRAS LETRAS À UNIVERSIDADE

Suas lembranças das primeiras incursões ao mundo letrado tem uma imagem assim descrita por ela: ” uma mesa alta e uma mão grande cobrindo a minha mão e me ajudando a escrever: “única imagem que eu tenho. [...] tão natural tão orgânica que eu não me dei conta quando aprendi a ler”. Discorre sobre a escola da Gameleira, situada em uma fazenda próxima à do seu avô, a Escola Visconde de Mauá, já em Salvador, e João Florêncio Gomes no bairro da Ribeira. O curso médio foi dividido entre o Severino Vieira e Colégio Central da Bahia e pelo fato de ser uma menina bem comportada, aos 17 anos, não poderia fazer Antropologia, curso dos seus desejos, só oferecido no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Surge então a oportunidade de fazer História Natural (atual Ciências Biológicas) na Universidade Católica do Salvador (1968).

DO MUNDO DO TRABALHO

Por sugestão de uma tia, aos catorze anos foi trabalhar no Hospital Aristides Maltez, inicialmente como auxiliar de biblioteca, depois no laboratório, até terminar sua graduação. Há relatos importantes de sua incursão no mundo do trabalho, especificamente em educação, como professora de Zoologia I, na UCSAL (Universidade Católica de Salvador). Concursada pelo Estado foi ser professora no CIAT (Centro Integrado Anísio Teixeira) de Ciências e Biologia, e criou com seus alunos experiências fantásticas de uma ciência viva, participativa o que lhe criou alguns problemas com uma direção conservadora e rígida, levando-a para outro espaço na fase embrionária da educação à distância. No IRDEB (Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia) eram oferecidas aulas à distância por rádio, e depois de preparar uma aula foi selecionada para exercer por lá as suas funções. Acumulava funções, o que talvez tenha contribuído para seu apelido singular: formiguinha. Uma enorme disposição de trabalhar, dividia-se entre o CIAT, a UCSAL, depois entre

o IRDEB e a UCSAL e não satisfeita fez concurso para a UFBA (Universidade Federal da Bahia) aprovada, foi ser professora auxiliar na área de metodologia e prática de ensino das ciências biológicas. Ao ser criado na Secretaria de Educação um Departamento de Ensino Superior e Aperfeiçoamento de Pessoal foi convidada para ser chefe de seção organização de Ensino Superior. Trabalhou na unificação do vestibular no Estado da Bahia e o que achavam impossível tornou-se possível ao ser autorizada a elaborar uma proposta. Os municípios onde havia escolas superiores participaram, de forma que as provas foram elaboradas em Salvador, aplicadas em cada município, e voltavam para ser corrigidas, o que ajudou a moralizar as escolas, embora tenha havido uma reação muito forte. Surge então na UFBA o embrião do mestrado em educação através do curso de aperfeiçoamento para os professores da instituição e de outras do ensino superior. Sendo da UCSAL foi fazer o curso que se transformou no primeiro mestrado norte/nordeste em educação no Brasil e ela foi da primeira turma, ocasião que foi apresentada à disciplina Currículo, paixão à primeira vista!

Terezinha Fróes é reconhecida na UFBA como uma das pessoas que pensou e organizou o DMMDC. Tudo foi construído a partir do convite de Felipe Serpa, então reitor, para assumir a coordenação, pela UFBA, do Projeto Xingó, espaço em que múltiplas culturas interagem. Falavam em transferência de tecnologias, mas as pessoas envolvidas também aprendiam. Como formar pessoas que pudessem trabalhar com essa diversidade de culturas e conhecimentos das comunidades? Pensou-se inicialmente em um curso de especialização, mas ao montar a estrutura com Bevilacqua e Galeão, colegas professores, era tão elaborada que houve um consenso de criar o doutorado, hoje DMMDC. Seu compromisso foi o de trabalhar no projeto e na implantação, uma vez implantado coordenou por dois anos.

Uma vida dedicada à educação, 44 anos na UFBA e um perfil desenhado dentro de um alinhamento humanista, ressaltando a importância de “não abrir mão da formação do ser, enquanto ser, para que ele se constitua mesmo, o que para o professor é fundamental, uma base científica e tecnológica, que esse professor precisa ter, e a dimensão política”

REFERENCIAS

Fröes Burnham T. et al. Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem. Currículo, Educação a Distância e Gestão/Difusão de Conhecimento. Salvador, BA: EDUFBA, 2013.

HOOKS, bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. LOURO, Guacira (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

MORGADO, Maria Aparecida. *Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes*. 2 ed. São Paulo: Summus, 2002

ORNELLAS, Maria Lourdes de Soares. *Afetos manifestos na sala de aula*. São Paulo: Annablume, 2009

RABELLO, Roberto Sanches. *A Crise da Modernidade e a Formação Continuada do Professor: a Contribuição da Arte e da Ludicidade*. Revista Democratizar.v II. N2. Maio./ago.2008. Instituto Superior de Educação da Zona Oeste/Faetec/Sect-RJ

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006

<http://ripe.ufba.br/memoria-da-educacao-na-bahia/teresinha-froes>